

O mistério da estrada de Sintra: das páginas portuguesas ao cinema luso-brasileiro

Doutoranda Damares Barbosa¹

Resumo:

Como um dos principais escritores e críticos de seu tempo, Eça de Queirós, ao escrever O mistério da estrada de Sintra (1870), com Ramalho Ortigão, questionou valores culturais da sociedade portuguesa, o que ele fez ao propor um mistério a ser desvendado. A adaptação cinematográfica, co-produção luso-brasileira, d'O mistério da estrada de Sintra (2007), de Jorge Paixão da Costa, explora o mistério apresentado na novela queirosiana, submetendo-lhe a um enfoque diverso, de maneira a criar no espectador uma tensão constante sem deixar de destacar a crítica social, mantendo, dessa forma, a mesma perspectiva do romance original.

Palavras-chave: O mistério da estrada de Sintra, Eça de Queirós, literatura portuguesa, adaptação fílmica.

Com o intuito de tirar a sociedade portuguesa do “marasmo” em que se encontrava, Eça de Queirós e Ramalho Ortigão, um em Leiria e o outro em Lisboa, resolveram escrever, em forma de folhetim, *O mistério da estrada de Sintra*, em 1870. Além do contexto misterioso, no qual se encontravam homens mascarados, um cadáver, um romance clandestino, o folhetim foi publicado no jornal *Diário de Notícias*, em forma de cartas anônimas, que eram enviadas periodicamente ao jornal. Tal artifício fez, realmente, com que a sociedade portuguesa saísse de seu estado de letargia, sobretudo por causa do tema, que suscitava a curiosidade do homem comum e, de certa forma, abordava questões que a própria sociedade gostaria de deixar escondidas.

A obra, *O mistério da estrada de Sintra*, primeira novela ou romance policial português, pode ser resumida da seguinte maneira:

Dois amigos são raptados na estrada de Sintra, por três homens mascarados, e levados à presença de um cadáver. A partir daí, como é mister em toda estória policial, surgem determinados questionamentos: quem é o morto, como morreu, e em que circunstâncias? Morte natural ou assassinato? Quem é o criminoso ou o mandante do crime?

Os amigos raptados são os narradores: Eça de Queirós e Ramalho Ortigão que, colocam-se como personagens, que enviam as cartas à redação do jornal, a fim de relatar o que sucedeu com eles. Essas cartas, originariamente, são enviadas entre julho e setembro de 1870. As primeiras cartas relatam o rapto e a descoberta do cadáver: são as cartas do Doutor *** e seu amigo F. No decorrer da estória, aparecem outras personagens, como A. M. C., que chega à casa e acaba confessando o crime e, mais adiante, a personagem Z., que diz ser amigo de A.M.C., revelando ao redator do jornal a inocência do amigo. Com o desenrolar da estória, outros fatos são trazidos à tona e aparecem novas pistas: o aroma no local do crime, um fio de cabelo loiro e, também, ramos de flores secas no local, denunciam que o quarto, onde se achava o cadáver, era um local destinado a encontros amorosos. Chegamos, assim, à condessa W., amante do capitão Rytmel, o inglês que está morto. A carta de um dos mascarados, designado Mascarado Alto que é, também, primo da condessa descreve os acontecimentos que antecederam o crime. Essa carta relata a viagem de navio feita pela condessa, seu marido e o Mascarado Alto à Malta, onde conhecem o capitão inglês

¹ Damares BARBOSA, Doutoranda

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, USP.

dbcn@usp.br

Rytmel. A bordo do navio encontra-se a ex-amante do capitão, Carmen Puebla, que tenta assassinar Rytmel e, mais tarde, acaba morrendo. Nas cartas seguintes, A.M.C. conta como encontrou a condessa W. e, por fim, vem a confissão da própria condessa, relatando como matara o amante, de maneira involuntária e sua decisão final: terminar seus dias num convento. O morto é enterrado e o mistério desvendado; na última carta os autores Eça de Queirós e Ramalho Ortigão assinam seus nomes, revelando o caráter fictício da narrativa.

Transportado para o cinema, *O mistério da estrada de Sintra*, que chegou a receber vários prêmios, conservou o caso policial e, ainda, causou grande efeito à sociedade portuguesa, nos dias de hoje. Presentes no filme estão as questões relativas ao real e ao imaginário, que não configuram propriamente o caso policial, mas retratam a autenticidade das coisas e como essas coisas se parecem, dependendo unicamente do olhar a que são submetidas.

O momento de Eça de Queirós

Para escrever *O mistério da estrada de Sintra*, Eça de Queirós, que acabara de voltar do Oriente e pretendia seguir a carreira literária, se aliou a Ramalho Ortigão e ambos escreveram um romance folhetinesco, mesmo estando em cidades distantes, pois Eça partiria para Leiria e Ramalho ficaria em Lisboa. A forma como deveriam escrever a obra, atestada na segunda edição do livro, fora resolvida num café de Lisboa:

Há quatorze anos, numa noite de verão, no Passeio Público, em frente de duas chávenas de café, penetrados pela tristeza da grande cidade que em torno de nós cabeceava de sono ao som de um soluçante “pot-pourri” dos Dois Foscari, deliberamos reagir sobre nós mesmos e acordar tudo aquilo a berros, em um romance tremendo, buzinado à Baixa das alturas do *Diário de Notícias*. (QUEIRÓS & ORTIGÃO, 2008, p.5).

Os dois, por serem amigos, imprimiram à narração textual a harmonia necessária aos textos escritos a quatro mãos:

Sucedeu que os dois homens se encontraram literatos, que os seus gostos mais ou menos se soldaram, que ambos professavam a mesma religião da honra, um pouco enfática no seu simbolismo, que ambos se descobriram paradoxais e se reconheceram honestos.

Ligaram-se numa amizade santa que os enobrece; e, talvez pela influência de Ramalho Ortigão, mais veemente no acto, deliberaram fazer-se conhecidos, um, grande homem de província na capital, o outro, fugitivamente possuído da obsessão da notoriedade, tão desejada como desprezada (TRÊPA, 1945, p.83).

À parte o tom quase religioso de Trêpa, fica atestada a simbiose que logo uniu os dois escritores que no ano seguinte assinariam as famosas *Farpas*. No momento em que resolvem escrever o livro, Eça já havia fundado e dirigido o jornal *O Distrito de Évora* e, também, colaborado como jornalista na *Gazeta de Portugal*. Seus textos jornalísticos, mais tarde, seriam reunidos e publicados com o título *Prosas Bárbaras*. Da mesma forma, como jornalista, esteve no Egito, tendo assistido a inauguração do canal de Suez, trazendo consigo muitas anotações de viagem, que redundarão no livro *Egito*, publicado postumamente. Em seguida, partiria para Leiria, a fim de assumir o cargo de Administrador no concelho regional. Nesse tempo, a carreira literária não se apresentava como certa para ele mas, sem dúvida, com Ramalho Ortigão, pode desenvolver suas primeiras habilidades como escritor, que ficaram conhecidas através da originalidade com que desempenharam a tarefa proposta.

Ramalho Ortigão e Eça de Queirós, um em Leiria e o outro em Lisboa combinavam previamente o que iriam escrever para mandar à redação do jornal lisboense, *Diário de Notícias*. Contudo, esse distanciamento gerou alguns desacertos na redação final:

Esse livro foi, como se disse, a improvisação de dois talentos sem rumo, lançados à aventura. Ele começou, ao que parece, sem plano; dificilmente se pôde, pois, dar uma solução, tal qual, ao problema pôsto nos primeiros capítulos. Dessa falta procederam contrariedades aflitivas. Assim, entre outros erros de mera mecânica, avultou este. O snr. Eça de Queirós deixara uma personagem, A. M. C., cujo caráter se apresenta tímido e irresoluto, seguidamente volvendo-se em intrépido, com um martelo e um maço de pregos no bolso. O snr. Ramalho Ortigão contou na *Farpas*, com infinito espírito, as mortificações que lhe causou esta circunstância. Tinha chegado a ocasião de deslindar a dificuldade e, positivamente, não ocorria ao snr. Ortigão a menor idéia explicativa do para que A. M. C. Se armava de martelo e pregos. O snr. Eça de Queirós estava fora da capital e o seu colaborador *à bout de ressources*, imaginou um expediente qualquer, para se eximir do encargo. *Nessa noite, diz, lhe nasceu o seu primeiro cabelo branco* (TRÊPA, 1945, p.89-90).

Ainda que, com alguns ajustes necessários, o romance livresco, inspirado na literatura de mistério de Poe, conseguiu alcançar sucesso e gerar dúvida sobre a verdade dos fatos. E, de toda sorte, conseguiu afirmar Eça de Queirós e Ramalho Ortigão, que chegaram a assinar a segunda edição do livro, como brilhantes escritores. O estilo de ambos conquistou o público, em geral, e proporcionou a continuidade da carreira literária desses jovens. Ramalho Ortigão, com seus escritos, não alcançou a mesma fama que seu amigo Eça de Queirós mas, sem dúvida, seu estilo circunspecto, segundo o crítico da época Pereira Sampaio, “conservava o dizer pesado de seus ensaios do Porto“. Já, segundo o mesmo autor, “em Eça de Queirós, tudo rola por saltos, por bruscas passagens, não só de período a período, mas de linha a linha“(TRÊPA, 1945, p.88).

Tal é o estilo diferenciado entre os dois autores, que é possível distinguir qual a parte ou capítulo que coube a cada um deles. De certa forma, por estar dividido em diferentes narrativas ou cartas, o romance folhetinesco apresenta uma narração com seqüência lógica, tal qual se apresentam as várias pistas e indícios para desvendar o mistério proposto no início do livro. E, curiosamente, mesmo havendo certo descrédito por parte dos autores quanto ao sucesso que alcançaria a estória acabada, conseguiram realizar uma segunda edição da estória. Justificam no prefácio:

Há mais duas razões , para autorizar esta reedição.

A primeira é que a publicação deste livro, fora de todos os moldes até o seu tempo consagrados, pode conter, para uma geração que precisa recebê-la, uma útil lição de independência.

A mocidade que nos sucedeu, em vez de ser inventiva, audaz, revolucionária, destruidora de ídolos, parece-nos servil, imitadora, copista, curvada demais diante dos mestres. Os novos escritores não avançam um pé que não pousem na pegada que deixaram outros. Esta pusilanimidade torna todas as obras trôpegas, dá-lhes uma expressão estafada; e a nós, que partimos, a geração que chega faz-nos o efeito de sair velha do berço e de entrar na arte de muletas.(...)

Na arte, a indisciplina dos novos, a sua rebelde força de resistência à correntes da tradição, é indispensável para a revivescência da invenção e do poder criativo, e para a originalidade artística. Ai das literaturas em que não há mocidade. (QUEIRÓS & ORTIGÃO, 2008, p.7-8).

Possivelmente, o desejo de renovação artística inspira, ainda nos dias de hoje, a reprodução e adaptação das obras literárias, contendo novos elementos artísticos e revolucionários, levando o público à reflexão necessária, o que é mistér a toda produção artística.

A adaptação aqui abordada é um exemplo dessa transgressão juvenil, na medida que não respeita literalmente o texto já clássico de Eça, transformando-o em algo novo.

O mistério da estrada de Sintra: uma adaptação fílmica

No processo de transformação ou adaptação da obra literária em filme optou-se por escrever a estória dentro da estória. Como observamos, no filme *Eça e Ramalho* tornam-se personagens e, assim, passam a narrar o que acontece no livro dentro do próprio filme. A estória dentro da estória, como recurso cinematográfico, preserva certas peculiaridades da obra original e, ao mesmo tempo, dá o tom de suspense ao romance policial.

Como é peculiar nesses casos, o processo de transição da obra literária para a obra fílmica não conservou integralmente todas as passagens originais. No livro o autor expressa em detalhes o que quer transmitir ao leitor. No filme, essa mesma transmissão é feita através de outros artifícios, pertinentes à linguagem própria do cinema.

Nas palavras de Maria da Glória Palma compreende-se o formato adquirido na adaptação fílmica de uma obra literária:

Deve-se à contemporaneidade uma gama incrivelmente intrincada de formas sociais de comunicação e de significação que inclui a linguagem verbal articulada e as linguagens não-verbais. Quando se trata de literatura e cinema é a interação entre essas duas linguagens que está em questão, é o domínio e interpretação de dois discursos que se apresentam ao leitor. Além dos elementos estruturais que guardam muitas semelhanças, e dos recursos não-verbais que no filme aumentam as possibilidades significativas, há também temáticas, mitologias, acontecimentos históricos que estão presentes na ficção e no cinema; é destas questões que se pode, inicialmente, partir para a realização de leituras interdiscursivas (...) Não se trata mais de acumular conhecimentos estanques, mas construí-los através de relações possíveis e procedentes, estabelecendo complementaridades, tecendo redes mais complexas de significação (PALMA, 2004, 12).

Em *O mistério da estrada de Sintra*, conserva-se a época em que a obra foi escrita, suas vestimentas, seus costumes e, ainda, os arredores de Lisboa e Sintra, conforme apontado pelo original. No filme, algumas cenas foram incluídas para chamar a atenção do público ao que fora descrito minuciosamente no livro. O impacto causado pelo livro e, também, pelo filme pode ser analisado, conforme a recepção que ambos tiveram, em sua respectiva época.

No livro, a crítica feita por Eça e Ramalho dirige-se à hipocrisia que impera na alta sociedade portuguesa, jogando com a posição do público, que por algum momento fica sem saber se a narrativa é baseada em fatos reais ou puramente fictícia:

Os primeiros capítulos foram inteiramente tomados a sério; com um requinte diabólico, o romance era o primeiro a fazer a crítica das suas inverossimilhanças, proponto mefistofelicamente soluções, como no álbi judiciário desnorteantes do bom-senso; o governador civil de Lisboa oficiou ao seu subordinado, administrador do concelho de Sintra, mandando-o proceder a averiguações; e, quando evidenciou que tudo era uma novela, com engenho conduzida, de princípio numa simplicidade descritiva, em que a narração ocupa naturalmente o primeiro plano, não se reparou mais do que no entrecho, esquecendo-se as delicadezas filigranadas da produção (TRÊPA, 1945, p. 85-86).

Ainda assim, alguma inquietação afluía no autor, a ponto de empreender com Ramalho Ortigão um trabalho, à época, digno de Edgar Allan Poe, que já era um mestre em tal gênero literário, o romance policial. ...Embora o folhetim tenha sido escrito em 1870, Jorge Paixão da Costa associa o filme, baseado n'*O mistério da estrada de Sintra*, à disputa colonialista entre

Portugal e Inglaterra. As discussões que aparecem no livro, que tem como fundo principal o romance entre Rytmel e a Condessa W, instigada pelo ciúme de Cármén e da Senhorita Shorn, são transformadas em cenas repletas de violência, durante o filme.

O filme, por seu processo peculiar, no entanto, guarda algumas semelhanças e diferenças relativas ao original, o livro escrito. Dentre as várias semelhanças que ocorrem no livro e no filme, além da época, que não sofreu adaptação, a maneira de falar das personagens foi preservada. Observamos que, tratando-se de uma adaptação produzida por Brasil e Portugal, os atores brasileiros foram dublados por atores portugueses. As cenas do jantar e do baile, iniciando o romance entre Rytmel e a condessa W., o triângulo amoroso entre os dois e Carmen Puebla e, também, a descrição da caça ao tigre, constantes no livro foram preservadas no filme.

No filme, é interessante observar que há uma narrativa inserida no contexto fílmico. A própria crítica feita à época, aos escritores, é também inserida dentro do filme. As personagens, retratadas na estória contada, são também personagens da sociedade portuguesa. No filme, tal fato gera dúvida e desconforto, pois acredita-se que as pessoas da alta sociedade são vítimas de uma estória narrada nos jornais de Lisboa. Dessa forma, algumas cenas que não estão no livro são destacadas no filme, causando grande impacto ao espectador. Na versão cinematográfica, as discussões entre Eça de Queirós, Ramalho Ortigão e seus contemporâneos estão sempre presentes, à guisa de manifestar qual seria a continuidade e desfecho da estória. Da mesma forma, não estão no livro os desentendimentos entre Ramalho e Eça, as ofensas que Eça sofre por parte daqueles que se sentem injuriados pelas suas cartas publicadas no *Diário de Notícias*. O duelo entre Vasco e Rytmel, bem como a descoberta de que Rytmel é portador da sífilis são questões evidenciadas apenas no filme.

No roteiro escrito, para feitura do filme *O mistério da estrada de Sintra*, 2007, encontramos uma Condessa W. venerada pelo primo, que lhe sugere o caso de amor com o Capitão Rytmel, que viaja a Malta com eles. O momento do crime, descrito no livro, aparece de diversas formas no filme, dando certa impressão ilusória ao espectador. Assim, a partir das mudanças propostas na adaptação, sobretudo no final no filme, surge a seguinte questão: é possível chamar de real tudo o que é vislumbrado pelos olhos?

Considerações finais

Interessante notar que, mesmo tendo sido a primeira obra literária de Eça de Queirós, ainda que composta em parceria com Ramalho Ortigão, *O mistério da estrada de Sintra* não costuma figurar entre as obras literária do autor e, tampouco figura entre seus escritos jornalísticos. Estória composta numa fase de transição, em que o Eça de Queirós havia retornado do Oriente.

Para a adaptação fílmica, o inglês é visto como um inimigo visceral para o português e existem elementos suficientes, colocados pelo diretor e roteirista, para compreender tal ódio. Fatos recentes, possivelmente, deram sua contribuição a essa visão atualizada, para tal associação no filme.

Recentemente, a situação conflituosa decorrente da exportação de alimentos contaminados, provenientes da Inglaterra, a diversos países, corroborou com veemência para que o comércio inglês fosse rechaçado, até normalizar tal situação. No filme, o inglês é rechaçado, visto como pessoa repugnante, por transmitir a sífilis (doença incurável à época) a todas as mulheres que tocava. Rytmel, um belo capitão, de formas elegantes, educado e amável era, no entanto, o mesmo homem repugnante que, dizendo amar as mulheres, transmitia uma doença asquerosa. A partir deste símile, viabilizam-se as cenas violentas de discussão e duelo entre o português e o inglês. Ainda, a guerra velada, proposta pela colonização, o Ultimato e a viagem forçada da família real para o Brasil, por causa das tropas inglesas, acabaram por ensinar a essência da mensagem transmitida nessa produção luso-brasileira.

Neste texto, buscamos apenas abordar algumas questões acerca da obra queirosiana, que podem ser mais aprofundadas e discutidas. O que chama a atenção no filme é a maneira pela qual determinadas cenas são tratadas, mesclando o real e o imaginário.

Discernir entre o real e o imaginário muitas vezes é difícil, sobretudo em circunstâncias mais tangíveis, que demonstram e revelam alguma verdade escondida, ou ainda, escondem o que é necessário ocultar aos próprios olhos.

Mas, sobre o mistério – seu significado, o que é real e imaginário –, citamos Fernando Pessoa:

O mistério das coisas, onde está ele?
Onde está ele que não aparece?
Pelo menos a mostrar-nos que é mistério?
Que sabe o rio e que sabe a árvore
E eu, que não sou mais do que eles, que sei disso?
Sempre que olho para as coisas e penso no que os homens pensam delas,
Rio como um regato que soa fresco numa pedra.
Porque o único sentido oculto das coisas
É elas não terem sentido oculto nenhum,
É mais estranho do que todas as estranhezas
E do que os sonhos de todos os poetas
E os pensamentos de todos os filósofos,
Que as coisas sejam realmente o que parecem ser
E não haja nada que compreender.
Sim, eis o que os meus sentidos aprenderam sozinhos:
As coisas não têm significação: têm existência.
As coisas são o único sentido oculto das coisas

(Fernando Pessoa/Alberto Caieiro).

Referências Bibliográficas

- PALMA, Glória Maria(org.). *Literatura e cinema: A Demanda do Santo Graal & Matrix, Eurico, o Presbítero & A máscara do Zorro*. EDUSC, Bauru, 2004.
- QUEIRÓS, Eça & ORTIGÃO, Ramalho. *O mistério da estrada de Sintra*. Arte & Letra Editora, Curitiba, 2008.
- TRÊPA, José. *Eça visto pelos seus contemporâneos*. Lello & Irmão, Porto, 1945.